

A FESTA DE NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS, PESQUEIRA- PERNAMBUCO: UMA ABORDAGEM DA ETNO-HISTÓRIA (1936-2011)¹

Edson de Araújo Nunes*
Sylvana Brandão*

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar os resultados da pesquisa histórica sobre as práticas e representações devocionais que ocorrem no Santuário de Nossa Senhora das Graças, na Vila de Cimbres, atualmente área de reserva indígena da etnia Xukuru, em Pesqueira-PE. Trata-se de uma abordagem Etno-Histórica, norteada pela prática da heteroglossia, onde fizemos confluir lentes da Antropologia, da Etno-história e da História Oral. A pesquisa é exploratória, de natureza qualitativa. A metodologia pautou-se na pesquisa documental, bibliográfica, de campo e etnográfica. Do ponto de vista teórico, destacamos as contribuições de Clifford Geertz (1989), Roger Chartier (2002), Carlos Alberto Steil (1999) e Sylvana Brandão (2004). O trabalho é vinculado ao Projeto “Santuários Pernambucanos”, do grupo de pesquisa “História e Religiões” do CNPq/UFPE.

Palavras-Chaves: Etno-História; Catolicismo; Aparições marianas; Devoção; Religiosidades.

INTRODUÇÃO

A compreensão das práticas (CHARTIER, 2002) devocionais que ocorrem no Santuário² de Nossa Senhora das Graças, na Vila de Cimbres, município de Pesqueira/PE a partir da Etno-História é o principal objetivo deste artigo. Esta opção de investigação decorre da ambição de contribuir para o entendimento do fenômeno religioso com perspectivas novas aos campos dos saberes antropológicos e históricos. A investigação foi iniciada agosto de 2010, com apoio do CNPq, através da concessão de Bolsa de Iniciação Científica.

1 Pesquisa financiada pelo PIBIC/CNPQ/UFPE, inserida no Projeto “Santuários Pernambucanos”, do Grupo de Pesquisa “História e Religiões” sob coordenação e orientação da Professora Doutora Sylvana Maria Brandão de Aguiar. A conclusão desta pesquisa terá como resultado final a elaboração de uma Monografia.

* Bolsista do CNPq; Membro do Grupo de Pesquisa “História e Religiões” do CNPQ/UFPE. Artigos publicados em periódicos nacionais, coletâneas e em anais de congressos científicos nacionais e internacionais. Email: edson.arqueologia@gmail.com.

* Doutora em História pela UFPE; Professora do Departamento de Antropologia e Museologia da UFPE; Vice-Coordenadora do Mestrado Profissional em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste da UFPE; Professora do Programa de Pós Graduação em História da UFPE; Vários Livros e artigos publicados nacional e internacionalmente. Líder do Grupo de Pesquisa “História e Religiões” do CNPQ/UFPE. Email: brandão.sylvana@gmail.com.

² Como santuário, o Direito Canônico compreende “a igreja ou qualquer outro lugar sagrado, aonde os fiéis em grande número, por motivo especial de piedade, fazem peregrinações com a aprovação do Ordinário local” (Can.1.230).

Desde 1936, quando acredita-se que tenham ocorrido aparições de Nossa Senhora das Graças a duas jovens em Cimbres (Maria da Luz, de 14 anos, e Maria da Conceição, de 15), este espaço têm sido sacralizado, inicialmente pelas gentes da cidade de Pesqueira e doutros municípios pernambucanos, e, a posteriore, pela hierarquia eclesiástica, notadamente, a partir de 1985, quando cessam as tentativas das autoridades diocesanas de sufocar a devoção e o número de devotos e visitantes que acorrem ao santuário aumenta significativamente, inclusive com peregrinos de outros estados nordestinos e do Brasil.

Na historiografia, foram fundamentais as reflexões de Severino Vicente da Silva (2002; 2003) que em estudo pioneiro investigou as aparições marianas em Cimbres e a postura de negação e sufocamento da devoção por parte da hierarquia eclesiástica local durante cinquenta anos:

O bispo da Diocese mandara calar as meninas que teriam sido agraciadas com a aparição da Virgem, como também impedira que uma delas [Maria da Luz] fosse aceita em uma casa religiosa da cidade. Em 1986, o bispo diocesano está a celebrar com o povo o jubileu dos acontecimentos, embora ainda não tenham sido reconhecidos oficialmente (SILVA, 2002, p. 335).

Para o pesquisador, a postura das autoridades eclesiásticas de Pesqueira foi reflexo de uma Igreja altamente romanizada com ambição de aproximação do Estado, “incapaz de compreender os anseios da população simples do interior” (SILVA, 2002, p. 336).

Do ponto de vista da antropologia, destacamos a relevante contribuição da Dissertação de Mestrado de Letícia Querétt (2006) sob orientação da Professora Doutora Roberta Bivar Carneiro Campos que se dedicou a análise do conflito entre romeiros, autoridades eclesiásticas e grupos indígenas em torno do acesso ao local da devoção, posto que o santuário está localizado numa área de reserva indígena.

Ainda que as terras da Serra do Ororubá – que atingem cerca de 27.555 hectares – sejam oficialmente consideradas área de reserva indígena, registram-se conflitos violentos entre fazendeiros e indígenas em torno da posse do território. Letícia Querrétt constatou que o “fator que contribuiu para aumentar o clima de tensão na região foi o projeto de implementação do turismo religioso no município de Pesqueira/PE, mais precisamente no Santuário de Nossa Senhora da Graça” (QUÉRRETT, 2006, 38).

O povo indígena Xukuru não foi oficialmente convidado, mas tomou conhecimento da reunião [realizada em 24 de julho de 2002] e seus representantes compareceram [...]. Na reunião foi apresentado um projeto arquitetônico, com a finalidade de ampliar e melhorar a infraestrutura existente no local. Dele constava a construção de: hotéis, uma nova capela, um estacionamento e a melhoria da pista de acesso ao Santuário, que seria asfaltada, do trecho Cimbres até o Guarda, com recursos do Banco Interamericano de Desenvolvimento (Bird). Constava, também, a ampliação de um museu sobre a vida da Irmã Adélia, que existia no local, e a melhoria da própria estrada, proveniente da cidade de Pesqueira. [...] Quando foi concedida a palavra aos índios, estes alegaram não serem contrários ao desenvolvimento de Pesqueira, mas lembraram que o local do Santuário é terra indígena, de posse exclusiva do Povo Xukuru, portanto, os autores do projeto deveriam verificar, na Constituição Federal, a legitimidade da proposta. Estava assim lançada a idéia

da construção do Santuário, em oposição aos indígenas (QUÉRRETT, 2006, pp. 38-39).

A pesquisadora constatou, a partir de documentos oficiais e fontes orais, que os conflitos em torno da posse da terra na Serra do Ororubá, bem como o projeto de melhorias no Santuário em Cimbres resvalava nos interesses dos agentes da Igreja Católica, do Executivo (Prefeitura) e Lideranças Indígenas. A tensão resultante culmina no arrefecimento e mesmo no encerramento das celebrações religiosas no Santuário, posto que os indígenas proibiram a presença de padres mesmo no dia dedicado a Nossa Senhora das Graças. Ante este quadro, a diocese e a Prefeitura de Pesqueira construíram um outro santuário, ao lado do mirante da cidade, inaugurado em abril de 2004.

A construção de um novo santuário denota o interesse em que haja um retorno às peregrinações e à devoção a Nossa Senhora das Graças, mesmo que seja em outro local. Há muitos interesses ligados a esta construção. Primeiro, o interesse da Igreja Católica Romana de manter seus fiéis, e atrair novos, através dos santuários. Segundo, o interesse do Prefeito da Cidade de Pesqueira e dos demais participantes da reunião de lançamento do Projeto Turístico, pois o Santuário atrai um grande número de pessoas para a cidade, gerando renda e contribuindo para o crescimento, não só da cidade de Pesqueira, mas também da região como um todo. Por último, alguns habitantes da cidade de Pesqueira, que ficaram com receio de ir ao Santuário, devido aos conflitos e se posicionaram contra os índios Xukuru. Ouve-se, com frequência, a afirmação de que “os índios tomaram tudo, não vai mais ninguém lá”. Embora o Cacique Marcos Xukuru tenha veiculado, na Rádio da Cidade, uma declaração de que os índios não são contra a visita ao Santuário (QUÉRRET, 2006, p. 42).

IMAGEM 1: NOVO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA, PESQUEIRA, PE.



Fonte: Disponível em: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=550726> Acesso em 14 jul. 2010.

NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS: HISTORICIDADE DO MITO E DA DEVOÇÃO

Constituindo-se numa investigação norteadada pela prática da heteroglossia nossa pesquisa têm sido norteadada pela convergência de vozes diversas onde trabalhamos com a operação de várias lentes, conceitos e ferramentas de abordagem da Etno-História, Antropologia e Sociologia, articulados especialmente no que diz respeito às práticas devocionais, símbolos, mitos, ritos, milagres e cura, no contexto da religiosidade católica, que ocorrem no Santuário de Nossa Senhora das Graças. Com efeito, a diversidade das fontes sistematizadas tem nos permitido identificar a historicidade desta devoção.

Cabe registrar que do período colonial, há invocações a Nossa Senhora *da Graça*, que teve seu primeiro santuário construído no Século XVI, em Salvador, por Diogo Álvares, o Caramuru; Nossa Senhora *das Graças* é especialmente venerada a partir do século XIX, após ter se revelado à jovem noviça Catarina Labouré, tendo grande aceitação no Brasil (MEGALE, 2003).

Já as práticas devocionais dedicadas a Nossa Senhora das Graças em Pesqueira remontam à década de 1930, após as aparições da Virgem a duas meninas moradoras da Vila de Cimbres, Maria da Conceição e Maria da Luz. Não há notícias, até hoje, de Maria da Conceição, mas é sabido que Maria da Luz ingressa na Congregação das Damas Cristãs, realizando seus votos como irmã Adélia em 1940; aqui, foi proibida pela hierarquia eclesiástica de falar sobre as visões e de retornar ao local das aparições até 1985, quando as romarias a Cimbres ganham novo ânimo (SILVA, 2002; 2003; QUÉRRETT, 2006).

A pesquisa documental realizada até o presente momento nos permite afirmar que nos anos finais da década de 1980 e iniciais da década de 1990, o Santuário de Nossa Senhora das Graças passa a contabilizar um número cada vez mais crescente de devotos, visitantes e turistas. Consta na edição de 02 de novembro de 1988, em um jornal de grande circulação no Estado de Pernambuco, ainda tímida, a notícia de que “bem próximo a Cimbres, o Santuário dedicado a Nossa Senhora das Graças, no alto de uma das suas serras, foi transformado em local de peregrinação religiosa e tem atraído a atenção de milhares de fiéis” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 02/NOV/1988).

Em 17 de setembro de 1990, o jornalista Paulo Goethe elaborou uma reportagem especial sobre as aparições em Cimbres para o mesmo jornal, face o aumento das visitas ao local onde Nossa Senhora das Graças apareceu:

O acesso é difícil – são mais de oito quilômetros em trilhas de areia e cascalho -, mas os romeiros estão dispostos a percorrer esta distância a pé. Para os moradores da Vila de Cimbres [...] isso já virou rotina. São vários ônibus que param, todas as semanas, nas pousadas, trazendo pessoas com o mesmo sonho: conhecer o local onde Nossa Senhora apareceu a duas meninas, em 06 de agosto de 1936. Ainda preservado do comércio e do turismo em larga escala, o Sítio da Guarda é, hoje, um santuário encravado em plena rocha, à espera do reconhecimento oficial da Igreja (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 17/DEZ/1990).

A mesma reportagem traz a fala do Bispo de Pesqueira, então Dom Manuel Palmares; simpatizante da romaria a Cimbres, tentava à época desapropriar uma família da área, para construir um retiro, e destacava que as visitas se tratavam de um testemunho de fé dos devotos, mas que até então nada há que possa ser considerado um caso de cura por intermédio da Santa (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 17/DEZ/1990).

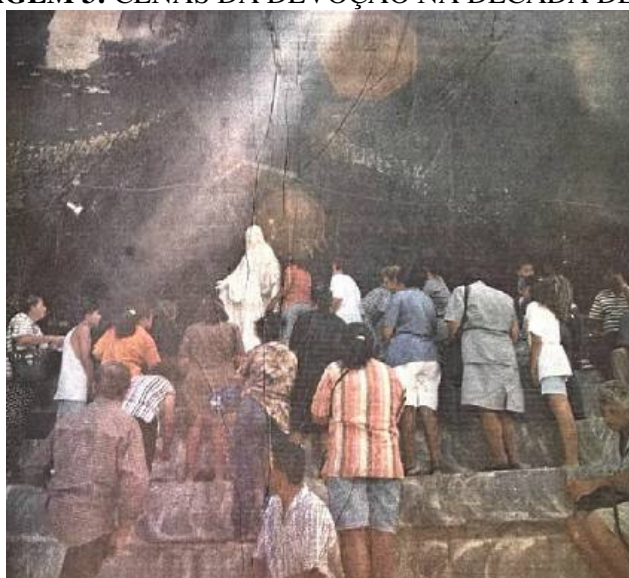
IMAGEM 2: DEVOTOS NO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS, NO INÍCIO DA DÉCADA DE NOVENTA.



Fonte: Acervo do Diário de Pernambuco.

No dia 12 de julho de 1993, o local das aparições em Cimbres é apontado como o principal atrativo e captor de visitantes, inclusive de vários locais do País, “que vão ali para pagar promessas ou agradecer as graças alcançadas” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 12/JUL/1993).

IMAGEM 3: CENAS DA DEVOÇÃO NA DÉCADA DE 1990



Fonte: Acervo do Diário de Pernambuco.

Verificamos que, em 1993, foi organizada uma celebração que iria alterar a dinâmica da cidade de Pesqueira com a vinda de romeiros de vários Estados do Nordeste, tendo sido programadas várias vigílias e missas:

Durante quatro dias, deste sábado até a próxima terça-feira, 31, uma programação basicamente religiosa lembrará a passagem dos 57 anos da aparição da Virgem Maria a duas crianças, em um local hoje venerado pelos católicos da região, que chegaram a fundar a Fundação Autônoma Maria Mãe da Graça para divulgar ao País a aparição da Virgem em Pesqueira (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 28/AGO/1993).

Para o antropólogo Carlos Alberto Steil, a romaria

oferece um programa de percepção que tanto permite aos romeiros compreender e agir sobre o mundo exterior, quanto entrar em contato com sua própria subjetividade, construída neste processo comunicativo. Trata-se, portanto, de um evento paradigmático que representa a trama de sua existência humana (STEIL, 1996, p. 293)

O crescimento do número de devotos, para além da aparição mariana, decorre também da difusão, entre os romeiros, dos relatos de cura, milagres e graças concedidas por Nossa Senhora das Graças.

Oriundas de João Pessoa-PB, a recepcionista Jacira Chaves, de 42 anos, e a Professora Julieta Barbosa Vasconcelos, de 56, engrossaram a leva dos devotos que em 1997 acorriam ao Santuário em Cimbres para agradecer as graças alcançadas em suas vidas e de seus entes queridos (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 19/DEZ/1997).

D. Eunice Mota, com 73 anos em 1998, natural de Pesqueira-PE, afirmou ter se tornado devota da Santa após ter sido curada por ela, de Cálculo Renal: “Eu tinha pedra nos rins e também inchaço, que foi comprovado pelo médico” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 24/08/1998). E, de São Bento do Una-PE, o cabeleireiro Edson Pontes, de 28 anos, trouxe o seu relato: “Estava com um tumor maligno e fiquei curado” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 19/DEZ/1997).

Cabe registrar a acepção de *milagre* elaborado pela historiadora Sylvana Brandão e que temos utilizado no contexto dos devotos de Nossa Senhora das Graças:

Para que possamos compreender a alma de um povo através dos significados e significantes de suas expressões religiosas, penso, neste caso, que devemos nos indagar sobre o que para eles representa um *milagre*. Pensemos também como ferramenta esclarecedora sobre os conceitos de alteridade na História. Para nós, milagre só é aceito a partir do espetacular, do não explicável e justificado pela razão, claro está que falo da razão instrumental denunciada por Habbermas. [...] Para as gentes humildes e generosas do Brasil, [...] milagre pode ser a solução de um impasse qualquer, seja este afetivo, financeiro, de dor física. O milagre como solução prática, cotidiana. O ver a vida de maneira simples, milagrosa (BRANDÃO, 2004, p. 358)

Dentre devotos anônimos e iletrados, que sequer sabem a própria idade, como a agricultora Josefa Maria da Conceição (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 19/DEZ/1997), como também entre as figuras ilustres do panteão da política Estadual, a exemplo do então Deputado Luiz Piauhyliño (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 09/SET/1998), Nossa Senhora das Graças veio arrebatando cada vez mais peregrinos a Serra do Ororubá,

numa história turbulenta, determinada ora pelas divergências, ora pelas confluências entre os diversos agentes envolvidos nesta devoção, mas também determinada, sobretudo, pelas manifestações de fé e devoção das gentes humildes do Nordeste.

NAS MONTANHAS, A GRAÇA: HIBRIDISMO E RELIGIOSIDADE

A devoção dos índios mesmo é para Nossa Senhora das Montanhas. Mas a gente não tem nada contra Nossa Senhora das Graças não, que ninguém é doido para ficar contra uma santa (Zé de Santa, Vice-Cacique da Nação Xukuru. Diário de Pernambuco, 19 de setembro de 2001)

Após 2002, quando os conflitos entre os Indígenas, Poder Executivo (Prefeitura) e Hierarquia Eclesiástica em torno da construção de um novo santuário geraram insegurança entre os peregrinos de visitar o local das aparições (QUÉRRETT, 2006), apenas nos anos finais da década de 2000, paulatinamente, as celebrações religiosas e visitas de grandes contingentes de devotos voltam a ocorrer. Em conversas informais que tivemos com alguns moradores do município de Pesqueira, fomos informados que isto decorreu de uma aproximação negociada pelos atuais agentes (BOURDIEU, 2000;2003) do poder político municipal, das lideranças Xukurus e da Diocese de Pesqueira.

Sem adentrar, neste momento, nos meandros desta negociação, pretendemos trazer os resultados dos trabalhos de campo³, realizados em agosto de 2010, especialmente durante as festividades dedicadas a Nossa Senhora das Graças. Na programação religiosa, constaram vigílias, confissões, missas, como também rituais sagrados da tradição indígena, como o Toré. Indígenas, padres, devotos e visitantes se misturaram durante dias em torno da devoção a Nossa Senhora das Graças.

Pudemos identificar devotos oriundos de Pernambuco, mas também grupos que vieram doutros Estados do Nordeste. Grande quantidade de ônibus, caminhonetes, automóveis e motocicletas se enfileiravam pela Aldeia Cajueiro, distante cerca de 3 km do santuário; esta distância era superada a pé pelos devotos em melhores condições físicas, e por caminhonetes para aqueles castigados pela idade avançada ou por males físicos.

No dia dedicado a Nossa Senhora das Graças, 31 de agosto, uma procissão saiu da Capela de Santa Luzia, na Aldeia Guarda, até o Santuário em Cimbres, por uma estrada pedregosa e acidentada. Antes, porém, de trazemos nossa análise deste momento, vejamos a descrição fornecida por Quérrett (2006) das procissões e visitas que ocorriam antes dos conflitos em 2002, para que possamos compreender as transformações ocorridas nos ritos que permeiam a história do santuário

Segundo relatos, [os devotos] **realizavam o trajeto rezando o Ofício de Nossa Senhora**, que na realidade é o Ofício da Imaculada Conceição, e **cantando músicas religiosas**. Após o lançamento de um CD com o rosário e músicas religiosas, este passou a ser utilizado. Embora os peregrinos recebessem um livrinho impresso com a história do fenômeno, os cânticos, as orações e as orientações de como realizar a peregrinação, os organizadores sempre

³ Com base na etnografia de Geertz (1989).

contavam a história e faziam recomendações (QUÉRRETT, 2006, pp.44-45).

O cenário que nos deparamos, em 2010 foi bastante complexo e híbrido. Chegando à Aldeia Cajueiro, nos dirigimos à Capela de Santa Luzia, onde estava programada a realização do Ofício de Nossa Senhora, mas também um Toré com os índios. Dentro da Capela, os bancos da Igreja foram afastados para dar espaço aos participantes do ritual indígena (Imagem 4). No andor, Nossa Senhora das Graças estava ornada com flores, mas haviam também cabaças depositadas aos seus pés (Imagem 5). O padre, presente à cerimônia, inicialmente apenas observou, mas durante a procissão com a imagem de Nossa Senhora das Graças até o santuário em Cimbres, juntou-se aos índios (imagens 6 e 7), que lhe deram um penacho e uma cabaça, e entôou cânticos à Santa, como também à todos os Encantados, aos ancestrais indígenas, ao Pai Tupã e à Nossa Mãe Tamain que, segundo investigações históricas, foi reelaborada pelos Xukurus em Nossa Senhora das Montanhas⁴.

IMAGEM 4: TORÉ REALIZADO DENTRO DA CAPELA DE SANTA LUZIA, ANTES DA PROCISSÃO



Fonte: Acervo de Edson Araújo.

IMAGEM 5: ANDOR DE NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS

⁴ Conferir artigos da Coletânea **História das Religiões no Brasil**, organizada por Sylvana Brandão e publicados pela Editora Universitária da UFPE, em especial o volume 2, pp. 347-362.



Fonte: Acervo de Edson Araújo.

IMAGEM 6: TORÉ DURANTE A PROCISSÃO



Fonte: Acervo de Edson Araújo.

IMAGEM 7: TORÉ DURANTE A MISSA DE ENCERRAMENTO



Fonte: Acervo de Edson Araújo.

Chegando no santuário, os índios continuaram seu Toré durante quase toda celebração religiosa. No discurso do religioso que celebrou a Missa de Encerramento, também louvores a Nossa Mãe Tamain, aos Encantados, vivas a Tupã e ao povo Xukuru. Também os índios rezaram com fervor (Imagem 8) e devotos deram o tom de sua fé, ajoelhando-se em adoração e agradecendo à Nossa Senhora das Graças pelos pedidos atendidos (Imagem 9).

IMAGEM 8



Fonte: Acervo de Edson Araújo.

IMAGEM 9



Fonte: Acervo de Edson Araújo.

O hibridismo religioso verificado na festa de Nossa Senhora das Graças em 2010 nos rememora o pensamento de Peter Burke (2003), posto que detectamos espaços de transição e contato entre a religiosidade católica e rituais remotos dos povos indígenas.

Notadamente, há também uma acomodação (BURKE, 2003) no ritual católico que procurou coexistir com elementos da tradição indígena Xukuru.

De certa forma, também as reflexões de Brandão (2004) nos fornecem lentes de compreensão do hibridismo que ocorre nas festividades em Cimbres:

Nas encruzilhadas da História Social das Américas, os homens das várias cores e das várias culturas se encontram e se misturam, reinventando até mesmo os deuses europeus barocamente tímidos e assexuados, inflexíveis e até mesmo impiedosos, porque impessoais (BRANDÃO, 2004, p. 360).

Após o encerramento da missa, grande parte dos devotos seguiu pela escadaria que leva até o local das aparições, onde, encravada em um nicho no meio do rochedo, está a imagem de Nossa Senhora das Graças (Imagem 10).

IMAGEM 10



Fonte: Acervo de Edson Araújo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos apontar os resultados iniciais de nossa pesquisa desenvolvida através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do CNPq/UFPE. Através da pesquisa documental em fontes primárias (jornais e fotografias) pudemos verificar o crescimento do número de devotos de Nossa Senhora das Graças, nos anos finais da década de oitenta e início dos anos noventa do século passado, após a aquiescência da Igreja no tocante às aparições ocorridas em 1936. Identificamos que atualmente, as visitas e festividades que ocorrem no santuário são regidas por pluralismo religioso,

onde a Igreja Católica não mais atua como campo (BOURDIEU, 2000; 2003) hegemônico, negociando e interagindo com as práticas rituais dos povos indígenas locais. Com efeito, a continuidade das pesquisas documental e de campo que estão em andamento, nos permitirão realizar reflexões mais densas sobre as práticas devocionais, os *campos* e *subcampos* (BOURDIEU, 2000; 2003) que interagem no Santuário de Cimbres. Cabe registrar que nossa pesquisa faz parte do Projeto Santuários Pernambucanos, também do CNPq/UFPE.

FONTES PRIMÁRIAS

DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 02/NOV/1988
DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 17/DEZ/1990
DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 12/JUL/1993
DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 28/AGO/1993
DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 19/DEZ/1997
DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 24/AGO/1998
DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 09/SET/1998
DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 19/09/2001
REGISTROS DE CAMPO, AGOSTO 2010

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Deise Maria; BRANDÃO, Sylvana. *Devoção a Nossa Senhora da Conceição em Recife/PE: uma análise histórica*. In: I Colóquio Internacional de História: Sociedade, Natureza e Cultura. Campina Grande: Editora Universitária - UFCG, 2008.
- BORDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000.
- _____. *A economia das trocas simbólicas*. Coleção Estudos. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- BRANDÃO, Sylvana. San Francesco, il santo che migrò.. In: Bruno Pellegrino (Org.). *Ordini religiosi, santi e culti: tra Europa, Mediterraneo e Nuovo Mondo (secoli XV-XVII)*. Lecce: Congedo Editor, 2009, v. 2, p. 673-695.
- _____. São Francisco das Chagas do Canindé, Ceará, Brasil. In: BRANDÃO, Sylvana (Org.). *História das Religiões no Brasil*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2004, v. 3, pp. 339-370.
- _____. *Projeto Santuários Pernambucanos*. UFPE/CNPq, 2007.
- BRANDÃO, Sylvana; NUNES, Edson de Araújo. *Devoção e Curas no Conjunto Religioso do Monte do Galo*. Religare (UFPB), v. 6, p. 28-46, 2009.
- _____. *Etno História de uma devoção sertaneja: a Festa de Nossa Senhora das Vitórias*. In: I Seminário Nacional de Fontes Documentais e Pesquisa Histórica - Diálogos Interdisciplinares, 2009, Campina Grande-PB. Anais Eletrônicos, 2009.
- BRANDÃO, Sylvana; BORGES, F. M.; NUNES, Edson de Araújo. *Monte do Galo: uma análise das práticas devocionais católicas*. Clio Arqueológica, v. 1, n. 23, pp. 108-133, 2008.
- BURKE, Peter. *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.
- _____. *Hibridismo cultural*. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

- CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 2002.
- CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO, Can. 1. 230.
- DURKHEIM, E. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Paulus, 2001, p. 493.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2007.
- FREYRE, Gilberto. *A propósito de Frades*. Salvador: Progresso, 1959.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- MAUSS, M. *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa: Edições 70, 2001.
- MOTTA, Roberto. *Escatologia e visão do mundo nas religiões Afro-Brasileiras*. In: MOTT, Luiz. *O Sexo Proibido: Virgens, Gays e Escravos nas garras da Inquisição*. Campinas, SP: Pairus, 1989.
- QUÉRETTE, Letícia Loreto. *Onde o céu se encontra com a terra: um estudo antropológico do Santuário de Nossa Senhora da Graça na Aldeia Guarda, em Cimbres (Pesqueira-PE)*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal de Pernambuco, 2006.
- SILVA, Lêda Cristina Correia da. *Frei Damião de Bozzano: Subsídios históricos à compreensão devocional*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.
- SILVA, Severino Vicente da. As Deusas do Ararobá. In: Sylvana Brandão. (Org.). *História das Religiões no Brasil*. 1 ed. Recife: Editora da UFPE, 2002, v. 2, p. 131-148.
- SILVA, Severino Vicente da. Nossa Senhora das Graças da Vila de Cimbres. In: Carlos Alberto Steil; Cecília Loreto Mariz; Mísia Lins Reesink (Org.). *Maria entre os vivos: Reflexões teóricas e etnográficas sobre aparições marianas no Brasil*. 1 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, v. 1, p. 69-85.
- SOUZA, L. M.. *O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- STEIL, Carlos Alberto. *O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa-Bahia*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- VAINFAS, Ronaldo. *A heresia dos Índios*. São Paulo: Companhia, 1995.